

DA SOCIEDADE DISCIPLINAR À SOCIEDADE DE CONTROLE: O LUGAR DO CORPO

Ms. Márcio Sales da Silva, UERJ / marcio.salles@yahoo.com.br

RESUMO

As sociedades ocidentais a partir do final do século XVIII assumem características que a definem como sociedades disciplinares. Tais sociedades procuram exercer um trabalho sobre o corpo dos indivíduos a fim de torná-los dóceis e aptos para o trabalho exigido pelo capitalismo industrial emergente. No século XX essas sociedades passam por transformações que apontam para uma nova configuração social, não mais centrada na disciplina dos espaços fechados, mas no controle realizado através da virtualidade. De uma sociedade à outra o corpo assume um papel fundamental a serviço de um mercado em expansão.

Palavras-chaves: corpo, disciplina, controle.

Quando se pensa na educação física, no esporte, no lazer e na dança um conceito atravessa essas diferentes experiências servindo de elemento de convergência: **o corpo**. Mas que lugar ocupa o corpo em nossa sociedade? Como ele é visto e expressado? Qual a sua função e utilização? Além de sua dimensão biológica o corpo possui uma dimensão cultural ligada aos interesses que se tem em uma determinada sociedade, a partir da qual ele é fabricado e vivenciado. O presente trabalho pretende analisar, tomando como referência principal as pesquisas desenvolvidas por Michel Foucault e Gilles Deleuze, o tipo de sujeito e de corpo que são fabricados a partir do século XVIII, na sociedade disciplinar, e as mudanças que se imprimem ao longo do século XX, com as chamadas sociedades de controle. De um modo mais geral, consiste em analisar como o corpo tem sido utilizado de forma estratégica pela sociedade capitalista para se atingir determinados objetivos que lhes são próprios.

Foucault afirma que as sociedades ocidentais dos séculos XVIII e XIX são sociedades disciplinares. Esta constatação faz parte de suas análises acerca das relações de saber e poder apresentadas, principalmente, em livros como *Vigiar e Punir* e *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tais sociedades são disciplinares na medida em que reclamam por um estilo de vida considerado correto e, em função disto, constroem um aparato capaz de enquadrar as pessoas neste formato ideal.

A noção de *quadro* em Foucault marca o exercício da disciplina. Ele aparece como sendo o espaço onde os indivíduos são distribuídos tendo em vista a disciplina. Enquadrar é isolar, separar, moldar em espaços quadriculados e fechados com o intuito de formar um tipo de indivíduo que se deseja ter no conjunto da sociedade. Este enquadramento, portanto, vai da formação à correção e é atravessado pela punição. Forma-se um estilo de vida marcado pela disciplina e constrói-se uma máquina de disciplinar capaz de "consertar" os que escapam à formação. O elemento condutor é a permanente vigilância que atua no sentido de garantir a eficiência da máquina. Todo este aparato, conforme as análises de Foucault, se faz presente na família, na escola, no exército, na fábrica, no hospital e, em uma situação extrema, nas prisões.

O quadro é a cena inicial que nos permite entrar no universo do poder e do saber, considerando as suas relações, implicações e produções. Ele é, portanto, um panorama

que possibilita uma análise microfísica do poder; é um mapa onde estão desenhadas as relações de poder numa determinada sociedade. O espaço quadriculado configura um mecanismo dos aparelhos disciplinares que separa os grupos para melhor localizá-los e vigiá-los. “É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração”.¹ O quadro enquanto moldura representa o limite; o que separa o permitido do proibido, o normal do anormal, estabelecendo assim as fronteiras da experiência no corpo social. Ele sinaliza os espaços ideais numa sociedade que se define como disciplinar: a sala de aula, a cela da prisão, o quarto do hospital e, por extensão, a quadra de esportes e de lazer. A realidade passa por esses limites. Mas temos também no quadro o lugar do saber. O quadro é o painel, a tela, o lugar de onde emana a verdade. De forma simbólica, é no quadro que encontramos a sintonia entre o saber e o poder. O professor – e juntamente com ele o médico, o psiquiatra, o criminalista, o padre ou pastor – constitui a autoridade sempre pronta para dizer a verdade do que somos e do que devemos ser. Quando pensamos no quadro pensamos na Palavra que nele se inscreve. Considerando as relações de poder em torno da sexualidade, Foucault afirma que a “pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra”.² A partir de então foi preciso fazer o dever de casa, ou seja, colocar o sexo em discurso. Ao se falar com autoridade, como um especialista, exerce-se o poder não somente sobre a fala – poder de persuasão – mas também sobre o que se fala – o assunto – e sobre de quem se fala – as pessoas envolvidas na questão. É nesse ponto de confluência que o saber e o poder se articulam.

As análises de Foucault procuram se afastar de uma imagem negativa do poder, ou seja, da idéia de um poder meramente repressor. Para ele, o poder é principalmente produtivo e se exerce em todas as relações sociais. O poder é definido como correlações de força: “Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais”.³ Se, por um lado, há correlações organizadas como um sistema hegemônico, por outro, existem pontos de fissura que tornam frágeis e dispersam as unidades constituídas. Conforme a explicação de Sílvia Gallo, há uma arquitetura particular das correlações de força que determinam uma sociedade, mas também uma instabilidade dessas correlações de força que possibilitam novos equilíbrios e novos estados de poder.⁴ Nesta perspectiva as relações de poder são analisadas como relações estratégicas: “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”.⁵

¹ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 131.

² FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. RJ: Graal, 1988, p. 24.

³ *Ibid.*, p. 89.

⁴ GALLO, S. “Anarquismo e filosofias da diferença”. In: Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. n. 1 (maio 2000). Niterói: EdUFF, 2000. p. 87.

⁵ FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. *Op. cit.*, p. 89.

As relações de poder e de saber funcionam através de dispositivos. Primeiramente, o dispositivo da vigilância. A sociedade disciplinar é uma sociedade marcada pela vigilância. No tocante, por exemplo, ao que Foucault denomina “sexualidades periféricas”, ele afirma que se, por um lado, houve uma indulgência a partir da atenuação da severidade dos códigos penais em relação aos delitos sexuais, por outro lado, “teremos um ardil suplementar da severidade, se pensarmos em todas as instâncias de controle e em todos os mecanismos de vigilância instalados pela pedagogia e pela terapêutica”.⁶ Em seguida, o dispositivo da individualização. A sociedade disciplinar produz individualidades. “À medida que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados... por desvios mais que por proezas. (...) Num sistema de disciplina, a criança é mais individualizada que o adulto, o doente o é antes do homem sã, o louco e delinqüente mais que o normal e o não-delinquente.”⁷ A individualização diz respeito ao indivíduo e ao grupo do qual deve fazer parte; é o processo de classificação e separação do indivíduo em grupo, para distingui-lo na massa e para que o trabalho da disciplina exercido sobre ele seja cada vez mais eficaz.

Num sentido positivo a individualização começa pelo corpo através de um processo de subordinação. Ela age sobre o corpo do indivíduo tornando-o dócil e útil. “Digamos que a disciplina é o processo técnico unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo ônus reduzida como força ‘política’, e maximalizada como força útil”.⁸ O corpo bom e disciplinado é o que aceita ser subordinado. Este trabalho sobre o corpo deve ser coextensivo ao corpo social inteiro. Deve-se extrair dos corpos a sua força capaz de garantir a hegemonia da classe burguesa e de um modelo de sociedade assentado em bases capitalistas. Segundo Foucault, “o processo pelo qual a burguesia se tornou no decorrer do século XVIII a classe politicamente dominante, abrigou-se atrás da instalação de um quadro jurídico explícito, codificado, formalmente igualitário, e através da organização de um regime de tipo parlamentar e representativo. Mas o desenvolvimento e a generalização dos dispositivos disciplinares constituíram a outra vertente, obscura, desse processo”.⁹ Através desses dispositivos são implementadas técnicas que tornam útil a multiplicidade cumulativa de homens e, a partir dela, aceleram o movimento de acumulação de capital. Em relação estreita com a divisão do trabalho e com as mudanças tecnológicas do aparelho de produção, a disciplina garante a submissão das forças e dos corpos, contribuindo assim para a manutenção e para o crescimento do capitalismo.

Mas há também uma individualização que assume um aspecto negativo. Esta, ao invés de ser mantida e desenvolvida, deve ser eliminada. Para tanto, investe-se sobre ela uma série de dispositivos disciplinares. Foucault analisa, a este respeito, a questão da *delinqüência*. A delinqüência deve ser banida porque está do outro lado da lei. Mas não por um gesto simples de infração, mas pela existência criminosa que representa. O delinqüente é criminoso não tanto pelo ato que praticou, mas por um conjunto de coisas que compõe a sua existência: instintos, pulsões, tendências, temperamento. Segundo Foucault, “o delinqüente se distingue do infrator pelo fato de não ser tanto seu ato quanto sua vida o que mais o caracteriza”.¹⁰ O delinqüente não comete um crime, ele é

⁶ *Ibid.*, p. 41.

⁷ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. *Op. cit.*, p. 171.

⁸ *Ibid.*, p. 194.

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Ibid.*, p. 223.

um criminoso. Há na sua biografia um estado de anomalia. Tal como o louco o delinqüente é visto como o anormal que precisa ser curado ou disciplinado. Deste modo, um novo saber é construído para dar conta deste propósito e impedir que este mal corrompa a sociedade: a criminologia. A partir dela, a prisão transforma-se num lugar onde a punição é amparada pela ciência. "O castigo poderá funcionar em plena luz como terapêutica e a sentença se inscrever entre os discursos do saber".¹¹ No caso da sexualidade a questão gira em torno das *perversões* que, segundo Foucault, é o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Para ele, a implantação das perversões e, por sua vez, a individualização do perverso, é um efeito-instrumento: "é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática".¹²

A sociedade disciplinar é expressa através da experiência do confinamento. É uma sociedade que se organiza no espaço fechado (família, escola, fábrica, hospital, prisão). Nesse espaço ela procura gerenciar a vida através de um processo de individualização que, no sentido geral, procura moldar os indivíduos para que cumpram bem o seu papel na sociedade. Para tanto, ela vale-se de dispositivos disciplinares que configuram um tipo de exercício do poder a serviço de uma hegemonia social. As análises empreendidas por Foucault encontram suporte não no princípio jurídico, em que o exercício do poder se formula no modelo do direito através da lei, do castigo, do Estado, mas no modelo estratégico definido pela técnica, pela normalização, pelo controle que extravasam do Estado e de seus aparelhos.¹³ O poder, antes de ser repressivo, é produtivo. As estratégias de poder apontam para diferentes direções e produzem diversos agenciamentos que vão da normalização à resistência. No caso das sociedades disciplinares, tais estratégias se apóiam na lógica do capitalismo, que é a lógica da produção. O capitalismo utiliza os meios de produção tendo em vista uma maior concentração de renda e a garantia da propriedade. A sociedade apoiada nesta percepção produz, por sua vez, um indivíduo que possa produzir cada vez mais e melhor o capital; um indivíduo dócil e útil para a sociedade que se tem.

Mas se Foucault retrata a sociedade disciplinar não é para exaltar o seu triunfo nem tampouco para mergulhar numa inércia frente esta realidade. Ele reconhecia que a história é feita de rupturas, descontinuidades, mudanças de direção. Mas quais são os sinais de mudança? As análises de Foucault são ferramentas para se pensar o presente. A partir delas Deleuze direciona um olhar agudo para a nossa atualidade e traduz uma nova experiência. Não mais a das sociedades disciplinares, mas a das sociedades de controle. As sociedades disciplinares dos séculos XVIII e XIX dão lugar às sociedades de controle regidas não mais pela lógica da produção, mas pela lógica da técnica e do mercado. Sem dúvida alguma de um princípio ao outro é o capitalismo que permanece como palavra de ordem. O que está em jogo numa sociedade que disciplina e numa sociedade que controla são os interesses de um capitalismo que procura realizar o seu projeto sem maiores entraves, porém, com muitos problemas.

O que vem a ser esta sociedade de controle? Segundo Deleuze, esta virada foi sinalizada pelo próprio Foucault, na medida em que afirma uma nova experiência não

¹¹ *Ibid.*, p. 227.

¹² FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. *Op. cit.*, p. 48.

¹³ *Cf. Ibid.*, p. 86.

mais centrada no homem. A questão da *morte do homem*, que aparece pela primeira vez em *As palavras e as coisas*, retorna nas suas análises em torno do biopoder e da população. Para Foucault, toda uma série de intervenções e controles aparece e constitui o que chama de biopolítica da população. Doravante, duas técnicas distintas, porém não desvinculadas, se organizarão para o exercício de um poder sobre a vida: a disciplina do corpo e o controle da população.¹⁴ Judith Revel chama a atenção para a diferença estabelecida por Foucault entre disciplina e controle, e cita um texto em que ele reforça esta distinção: “o controle do comportamento sexual tem uma forma completamente diferente da forma disciplinar que se encontra, por exemplo, nas escolas. Não se trata de modo algum do mesmo assunto”.¹⁵ As análises de Deleuze se apóiam nesta distinção. Embora não tenha dedicado um trabalho específico sobre o assunto, ele aponta alguns caminhos importantes para lidarmos com esta questão, que diz respeito a nossa realidade atual: ao que somos e ao que podemos nos tornar. Já no livro *Foucault* ele chama a atenção para os *novos compostos*, as *novas composições* que começam a surgir e sobre os quais devemos pensar. “Qual é a nossa luz e qual é a nossa ‘verdade’ hoje? Que poderes é preciso enfrentar e quais são as nossas possibilidades de resistência hoje?”.¹⁶ As novas relações de poder aparecem agora vinculadas à informação. Nas páginas finais do livro ele retorna a esta questão e destaca a biologia molecular e a genética, juntamente com a cibernética e a informática: “Foi preciso que a biologia saltasse para a biologia molecular, ou que a vida dispersa se reunisse no código genético. Foi preciso que o trabalho dispersado se reunisse nas máquinas de terceira geração, cibernéticas ou informáticas. Quais seriam as forças em jogo, com as quais as forças do homem entrariam então em relação?”¹⁷ Uma outra referência aparece em uma entrevista concedida a Toni Negri e publicada no *Futur Antérieur* em 1990, intitulada *Controle e devir*. Ali ele afirma que entramos em sociedades de controle, que já não são mais sociedades disciplinares.¹⁸ Outro texto, também de 1990, publicado no *L’Autre Journal*, intitulado *Sobre as sociedades de controle*, indica alguns contornos desta questão. Neste texto Deleuze chama a atenção também para os trabalhos de William Burroughs e Paul Virilio. Burroughs teria dado uma boa contribuição para as análises em torno da noção de controle¹⁹ e Paul Virilio analisa as formas ultrarrápidas de controle ao ar-livre.²⁰

É preciso pensar nas mudanças: os deslocamentos, as fissuras, as novas configurações do sistema. Da disciplina ao controle algo de novo surge. O passo e o compasso não são mais os mesmos. Não há mais uma vigilância cerrada, de fora para dentro e de dentro para fora, obcecada por cada passo dado. O panóptico dá lugar a um novo dispositivo que não tem nem dentro, nem fora, mas está em todo lugar e é ativado a todo o momento. Michael Hardt, analisando alguns aspectos da sociedade de controle, destaca esta ausência do *fora* como sendo um traço significativo; e o associa a um

¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 131.

¹⁵ Citado por REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 30. FOUCAULT, M. *Dits et écrits*, v. IV, p. 662.

¹⁶ DELEUZE, G. *Foucault*, São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 123.

¹⁷ *Ibid.*, p. 141.

¹⁸ Cf. DELEUZE, G. *Conversações*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 215.

¹⁹ Sobre essa referência Cf. *Foucault*: p. 141 e *Conversações*: p. 216, 220. Dentre suas obras, destacam-se *Almoço nu*, *O ticket que explodiu*, *Expresso novo*, *A máquina macia*, *A terceira mente*, *Minha educação: um livro de sonhos* e *Alameda tornado*.

²⁰ Cf. *Conversações*: p. 220. Dentre suas obras, destacam-se *A arte do motor*, *Velocidade e política*, *A bomba informática*, *Estratégia de decepção* e *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*.

desmantelamento do espaço público e a realização do mercado mundial que, segundo ele, “constituiria o ponto de chegada dessa tendência. Em sua forma ideal, não há um fora do mercado mundial: o planeta inteiro é seu domínio”.²¹ A sociedade de controle lança mão de um novo dispositivo – o dispositivo virtual da comunicação. A cibernética, a informática, os computadores inauguram uma nova dimensão do tempo e do espaço onde tudo e todos podem ser vistos sem sair do lugar. Era da imagem em que o que conta é ver e ser visto – “o medo de expor sua intimidade cotidiana cede lugar ao desejo de superexpô-la aos olhares de todos”.²² Aparecer na televisão é um indicativo de muitas cifras, mesmo que seja a custo da tragédia, da vergonha e da dor. A imagem é altamente comercializável – “trata-se de inaugurar, graças ao *comércio do visível*, um verdadeiro MERCADO DO OLHAR”.²³ Neste cenário o marketing ocupa uma posição de destaque. É através dele que as imagens-produto são produzidas e comercializadas. Segundo Deleuze, ele é o novo instrumento de controle social.²⁴ É ele que dá o tom desta nova sociedade de controle.

Mas a preocupação principal das sociedades de controle não é com a imagem. Esta é apenas um efeito de superfície. O que sustenta o ideal de uma sociedade de controle é o modo de vida capitalista. Diz Hardt: “Com a sociedade de controle, chegamos, enfim, a uma forma de sociedade propriamente capitalista”.²⁵ O controle está voltado para a constituição de uma relação automática entre indivíduo e sociedade, intermediada pelo consumo. O indivíduo projeta no seu próprio corpo as necessidades imperativas do capitalismo, que se manifestam na equação venda-consumo. Burroughs faz menção a uma “obediência automática” ou a “uma forma involuntária de hipnose impositiva”, programada por uma espécie de Painel de Controle.²⁶ Se antes o meio para expandir o capital era produzir, agora o que importa é vender o que se produz. Há um deslocamento de lógica da produção para a lógica do mercado. “Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado”.²⁷ O produto agora pode ser qualquer coisa. Um serviço, uma imagem, uma notícia. Vende-se, por exemplo, a imagem do medo. Esta imagem se entrelaça a outros produtos para a venda: notícias, armas, segurança, grades, trancas, blindagens etc. Uma indústria se forma a partir da questão medo-proteção. A partir disso, formam-se empresas especializadas no ramo que, em grau de importância, passam a ocupar o lugar das fábricas. “A fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; mas numa sociedade de controle a empresa substituiu a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás”.²⁸ A lógica empresarial ocupa todos os espaços agregando cada vez mais fortes aliados. Como exemplo, pode-se destacar uma imensa indústria do prazer e do lazer que passa a ser explorada em função do acúmulo de capital. Neste caso, o corpo assume um lugar de destaque. A imagem do corpo associada ao prazer e ao lazer é motivo de muitas cifras.

²¹ HARDT, M. “A sociedade mundial de controle”. In: ALLIEZ, E. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: 34. p. 361.

²² VIRILIO, P. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 62.

²³ *Ibid.*, p. 63.

²⁴ DELEUZE, G. *Conversações*. *Op. cit.*, p. 224.

²⁵ HARDT, M. *Op. cit.*, p. 372.

²⁶ Cf. BURROUGHS, W. *Almoço nu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 35 e 37.

²⁷ DELEUZE, G. *Conversações*. *Op. cit.*, p. 223.

²⁸ *Ibid.*, p. 221.

Este binômio empresa-produto é central na sociedade de controle e é perpassado por aquilo que Deleuze chama de modulação: moldagem auto-deformante que muda continuamente, a cada instante.²⁹ Na empresa através da implementação de uma intensa rivalidade que serve como elemento de motivação para maiores ganhos salariais, contrapondo os indivíduos entre si. Há a meta da empresa que precisa ser atingida para que ela seja mantida no mercado que reflete, por sua vez, na meta de cada funcionário. Trata-se, portanto, de uma dupla concorrência: a das empresas de um mesmo ramo e dos funcionários que prestam serviço para a empresa. Uma corrida permanente que exige de cada parte uma elasticidade que permita se adequar a cada moldagem num fluxo contínuo de mudanças.

Mas também no produto. Para que o mercado seja competitivo é preciso inovar. Ao ritmo da inovação os produtos perdem cada vez mais a sua consistência. O novo dita as regras do jogo. Há sempre um novo lançamento que faz com que o produto anterior seja completamente obsoleto. Transitoriedade permanente. Tudo se torna facilmente descartável. Neste contexto, o corpo é um importante produto para o mercado. O corpo que nas sociedades disciplinares tinha o papel de força produtora, agora é um produto também comercializável. Em todos os sentidos, do sexo às cirurgias estéticas há um mercado bastante extenso que explora o corpo-imagem. A obsessão pelo corpo "sarado" faz parte desse processo de moldagem. Uma imensa proliferação de academias, de tratamentos de beleza, de clínicas de saúde e clubes esportivos marca uma era que, ao invés de corpos dóceis e úteis, busca corpos saudáveis e aptos para consumir. Não mais um corpo disciplinado para o trabalho, mas programado para o consumo.

Tanto na empresa quanto no produto a modulação provoca deformações, estados de instabilidades que, em última instância, tornam os indivíduos "dividuais", divisíveis, partidos, fragmentados e também descartáveis. Se na disciplina do corpo há a idéia de massa, no controle das populações as massas tornaram-se amostras.³⁰ O indivíduo vale não o que pesa, mas o que mostra e como se mostra. Um novo espetáculo: o *show business*.

Da disciplina ao controle a liberdade é o preço cada vez mais caro a ser pago. Mas o que se configura é tangenciado pela fragilidade do momento. Em toda linha há cortes, fissuras, declives. Se por um lado há um conjunto de forças que se impõe, por outro, há um conjunto de forças que resiste. Tanto Foucault como Deleuze procuraram situar suas análises como estratégias de luta e de resistência, tendo em vista um deslocamento do olhar. Para eles a tarefa do pensamento consiste em realizar uma análise crítica do nosso mundo, do tempo presente, daquilo que somos neste exato momento, mas justamente para recusar o que somos e reclamar pelo direito de sermos outros. O pensamento é ativo ou, na linguagem do próprio Foucault, "hiperativo" – só faz sentido no engajamento, na luta, na medida em que coloca em movimento a própria existência. Mas também rejeita alternativas como soluções – consiste em problematizar e não em construir modelos. Se o pensamento tem a tarefa de tornar visível o invisível é no sentido de apontar os perigos que enfrentamos: "nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer".³¹

²⁹ *Idem*.

³⁰ *Ibid.*, p. 222.

³¹ FOUCAULT, M. "Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow". In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault – Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 256.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIEZ, Eric. (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: 34, 2000.

BURROUGHS, William S. **Almoço nu**. Tradução de Daniel Pellizzari. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Conversações (1972 -1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Ligia Pondé Vassalo. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução, organização e introdução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Dits et Ecrits**. Vol. I à IV. Édition établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald avec la collaboration de Jacques la Grangde. Paris: Gallimard, 1994.

GALLO, Sílvio. "Anarquismo e filosofia da diferença". In: Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. n. 1 (maio 2000). Niterói: EdUFF, 2000. p. 81-93.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.